

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINOS AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

# JÁ QUE É PRA TOMBAR... TOMBEI!

O Rap nacional feminino como ativismo e  
empoderamento da mulher negra

Lara Morais de Souza

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em cultura sob orientação do Prof. Dr. Emerson Nascimento.

Como você pode ser um artista e não refletir os tempos? Para mim, essa é a definição de um artista.

Nina Simone

## **Resumo**

A presente dissertação é um estudo sobre o papel do rap cantado por mulheres como ativismo e empoderamento da mulher.

Palavra-chave: rap, feminismo, empoderamento, ativismo

## **Abstract**

This dissertation is a study on the role of rap sung by women as activism and empowerment of women.

Keyword: rap, feminism, empowerment, activism

## **Resumé**

Esta tesis es un estudio sobre el papel del rap cantado por mujeres como el activismo y el empoderamiento de las mujeres.

Palabra-clave: rap, feminismo, empoderamiento, activismo

Agradeço minha família que me deu suporte quando mais precisei e as rappers que me inspiraram a escrever essa tese.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	6
1.1.	De Nina Simone a MC Soffia – o papel ativista da música sob a ótica da mulher	8
2.	DESENVOLVIMENTO.....	11
2.1.	Dina Di, o início e o combate ao machismo.....	11
2.2.	Feminismo negro, racismo e identidade: um estudo sobre as canções de Yzalú, Karol Conká, Preta Rara .....	15
2.3.	MC Soffia, representatividade e empoderamento da criança negra.....	20
3.	CONCLUSÃO .....	22
4.	REFERÊNCIAS .....	23

## 1. INTRODUÇÃO

Nina Simone: cantora de jazz, pianista, ativista, mulher, negra. Sua biografia e trajetória inspiram músicos como Lauryn Hill, Jay-Z, Kanye West; artistas visuais como Ernest Shaw; diretores como Liz Garbus (*What Happened, Miss Simone?*, 2015) e Jeff L. Lieberman (*Amazing Nina Simone*, 2015); incontáveis fãs ao redor do mundo e esta dissertação.

Mas de onde nasce o ativismo? Em qual momento artista torna-se engajada em sua causa e transfere sua indignação, seu desejo de mudança, para suas composições? “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.” (Hall, 2003)

Segundo o site Biography, em 1963, após a morte do ativista Medgar Evers e o bombardeio à igreja de Birmingham que resultou na morte de quatro crianças negras, Nina sente a necessidade de expressar sua indignação através da canção *Mississippi Goddam*: “Alabama's gotten me so upset. California made me lose my rest. And everybody knows about Mississippi Goddam”!

Uma das grandes vozes dos direitos civis norte-americanos nas décadas de 1960 e 1970 Nina relata, em entrevista veiculada no longa-metragem de Liz Garbus, a seguinte frase: “como você pode ser um artista e não refletir os tempos? Para mim, essa é a definição de um artista”. E como refletiu. Suas canções tornaram-se símbolo e registro de luta negra nos Estados Unidos. A reportagem da jornalista Salamishah Tillet, do New York Times, intitulada “Nina’s time is now, again”, descreve a artista como assumidamente negra e orgulhosa de quem ela era: “and it was reflected in the authenticity of songs like ‘Four Women’” (a qual será relacionada mais à frente com a canção Mulheres Negras, da rapper Yzálú). O orgulho de suas origens também é refletido em canções como “Young, gifted and black” e “Ain’t got no/I got life”.

We must begin to tell our young,  
there's a world waiting for you.  
This is a quest that's just begun.  
When you feel really low, eyah,

there's a great truth you should know,  
when you're young, gifted and black your soul's intact!



Figura 1 - Fonte: Black Art in America. Disponível em:

<http://blackartinamerica.com/profile/ErnestShaw>

A figura 1, produzida pelo artista Ernest Shaw, retrata três símbolos da luta pelos direitos civis dos negros nos EUA, o ativista político Malcolm X (1925-1945), o escritor e ativista James Baldwin (1924-1987) e a cantora. A pintura é um ato de protesto, pois o local escolhido fica a aproximadamente 3 km de distância de onde o jovem Freddie Gray foi gravemente ferido por policiais durante sua detenção e morreu sete dias depois. Segundo matéria vinculada

no Portal G1 do dia 5 de maio de 2015, a polícia não informou como o jovem de 25 anos foi ferido, nem a causa da prisão.

Quando indagado em entrevista ao portal de notícias da CNN do por que de ter retratado Nina ao lado de Malcolm X e Baldwin, Shaw explica: “I have the utmost respect for her because she stood up for her beliefs. She sacrificed her career for her activism”. E completa, aqui em entrevista para o jornal The New York Times: “Nina Simone, more than anyone else, talked about using her art as a weapon against oppression, and she paid the price of it”.

Shaw refere-se ao declínio da carreira da cantora por causa de seu ativismo. Segundo informações exibidas no documentário *What Happened, Miss Simone?*, com medo dos discursos ácidos que Nina poderia disparar durante os shows, contratantes e gravadoras começaram, um a um, a não contratar mais a cantora. Moni Basu, do portal CNN, em uma coluna nomeada “Nina Simone and me: an artist and activist revisited”, lamenta: She had not only become more militant by aligning songs like “To Be Young, Gifted and Black” with Stokely Carmichael and the black power movement, but also found it increasingly difficult to secure contracts with American record companies.

### **1.1. De Nina Simone a MC Soffia – o papel ativista da música sob a ótica da mulher**

Se pensarmos paralelamente com as músicas contemporâneas, o ritmo que mais se aproxima do ativismo de Nina, é o rap (rhythm and poetry) – ritmo que nasce muito antes da cena hip hop, quando músicos do Oeste da África contavam histórias com ritmo (Plastic Little Raps, disponível em: <<http://www.plasticlittleraps.com/history-of-rap-music.html>>).

Os artistas que optam por este estilo musical, usam da poesia e de batidas reproduzidas por um DJ, para retratar a realidade em que vivem, denunciar, lutar por uma causa. É resistência. Roberto Camargos, doutorando da Universidade Federal de Uberlândia e autor do livro *Rap e Política*, sintetiza percepções da vida social brasileira: “Tais experiências vividas estão documentadas nas canções dos rappers, que representam a construção de memórias de uma época” (Camargos, 2015: 20) E completa:



“As músicas, então, convertem-se em documentos por meio dos quais é possível pensar e refletir uma época, desdobramento de uma postura que, no lugar de uma história dos objetos e das práticas culturais, lança-se na direção de uma história cultural do social.” (IDEM).

Diante desse contexto, surge a indagação: o que esses artistas estão refletindo sobre os tempos atuais? E mais: no caso de mulheres à frente das canções, quais são os assuntos abordados? Como se dá a relação entre as mulheres e a música, desde o samba até o rap?

A ação de mulheres – como Tia Ciata, Chiquinha Gonzaga, Jovelina Perola Negra, entre outras – no cenário do samba autentica o gênero musical como ferramenta de articulação política, de lutas e sociais contra o sexismo, além de reafirmar a continuidade do universo cultural negro e expandir esse universo a outros espaços da cultura. (AMORIM; MOISÉS, 2012)

O Brasil tem em sua história diversas mulheres à frente de causas sociais, expressando em suas músicas suas lutas contra o machismo, sexismo, preconceito e articulação política. Faremos um breve histórico das cantoras que fizeram história e que são referência para as artistas contemporâneas abaixo citadas. Que influências tiveram as precursoras do rap feminino nacional, tais como Dina Di, Lady Chris, Nega Gizza e Negra Li nas carreiras das rappers? O que mudou de lá para cá? Qual a visão entre os homens em relação às mulheres dentro do movimento hip hop?

Para responder a essas questões, estudei composições de mulheres rappers, num meio, até então, dominado pelo sexo masculino: Karol Conka, Preta Rara, Yzalú e a rapper de 11 anos MC Soffia, pois são alguns dos nomes que, através da música, trazem temas do feminismo e do ativismo da mulher.

As identidades de gênero estão intimamente ligadas na narrativa do Rap. Ao propor pensar a pluralidade de masculinos existentes nas letras do rap brasileiro, torna-se necessário pensar conjuntamente a pluralidade de femininos. (ROSA, 2006: 54)

Refletindo esse formato do rap brasileiro, no qual aborda assuntos que têm visibilidade e o interesse das mulheres, como legalização do aborto, autoestima, machismo, igualdade de gênero, feminicídio, sexualização da mulher, vínculo, como base teórica, os preceitos de autores como Stuart Hall, que diz: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo

social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 1988: 7).

Sendo impossível dissociar o rap escrito por mulheres das pautas que o feminismo levanta, nessa pesquisa analiso como o ritmo serve como ativismo feminista e para empoderar e informar a mulher diante de seus direitos.

Num primeiro momento, cabe a explicação sobre o que é o movimento feminista, nas palavras da Socióloga e cientista política Jacqueline Pitanguy – integrante da lista das mil mulheres indicadas para o Nobel da Paz em 2005 e a lista internacional *Women Who Deliver 2011* – em entrevista ao canal do YouTube “Você é Feminista e não sabe”:

Feminismo é uma ação política, uma agenda política voltada para alcançar direito das mulheres na sociedade, para eliminar uma série de barreiras que, pelo fato de ser mulher, e pelo fato das relações naquela sociedade se estruturarem de forma hierárquica entre homens e mulheres, colocam uma série de dificuldades pra ela, para que ela possa se realizar plenamente.

Então, o feminismo é um movimento político, porque trabalha com estruturas de poder, não no sentido político partidário. Mas político no que é o cerne da política, para que partindo das nossas diferenças nós possamos construir igualdade de oportunidades, igualdade de oportunidades de acesso à educação, de acesso ao mercado de trabalho, igualdade de responsabilidades – inclusive no âmbito familiar. Então, que tanto homens quanto mulheres, possam, de certa forma, sonhar que o seu lugar no mundo, é um lugar cheio de possibilidades, e que pelo fato de que um é homem e o outro é mulher, esse espaço no mundo já é, de antemão, reduzido para as mulheres. (Canal do Youtube – Você é feminista e não sabe)

Ao decorrer desse estudo, analisando as composições das rappers escolhidas, possuímos algumas frentes de pensamentos subdivididos da seguinte maneira: feminismo e o rap – ativismo através da música, diferenças entre feminismo e feminismo negro, e a quebra de paradigmas com a chegada da rapper Dina Di, em 1993, sua atitude e o combate ao machismo; num segundo momento, falo sobre empoderamento e representatividade apropriando-me das obras escolhidas e catalogando-as sob os olhares de pensamentos que condigam com suas composições. São eles Yzalú, feminismo negro e a mulher negra na

periferia; Karol Conka e a valorização da autoestima; Preta Rara e racismo; e MC Soffia e o empoderamento desde a infância.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. Dina Di, o início e o combate ao machismo**

Em uma de suas composições, o rapper Sabotage (1973 - 2003) dizia: “respeito é pra quem tem”! É interessante pensar em quantas referências de homens rappers podemos listar num pensamento rápido, longe de aparelhos tecnológicos. São grupos e mais grupos, artistas e mais artistas, nacionais e internacionais. É possível comprar camisetas do trio nova-iorquino RUN DMC – criado em 1981, o qual fez grande fama por serem considerados, segundo o site Wikipedia, “a ponte entre a velha escola representada por Grandmaster Flash e a era moderna do hip-hop” – em lojas de departamentos; encontrar raps dos Racionais MCs – grupo paulistano “fundado em 1988 e formado pelos MCs Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue, e o DJ KL Jay”, segundo o site Wikipedia, muito influente na história do hip-hop brasileiro, chegando a ser considerado “como o grupo de hip hop mais relevante e influente do Brasil” (IDEM); assistir ao show do rapper paulistano Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida em festivais de música, como Lollapalooza em São Paulo, Coquetel Molotov em Recife; ou em programas de televisão como Altas Horas e Esquentando, da Rede Globo.

Mas nada se ouve sobre as mulheres. Quem são as referências que levaram Karol Conká, Preta Rara, Yzalú e MC Soffia a trilhar o caminho do Rap?

Uma das primeiras e mais influentes artistas a entrar nesse universo foi a rapper Dina Di (1976 – 2010), nascida na cidade de Campinas e vocalista do grupo Visão de Rua. “Considerada a primeira mulher a alcançar sucesso no rap brasileiro”, segundo o site Wikipédia, a rapper passou por muitos percalços até ter sua arte reconhecida. Ainda assim, é necessário algum tempo de pesquisa para que o interessado consiga chegar a seu nome e a sua história. Ainda que o rapper contemporâneo Criolo, paulistano, nascido em 1975, a cite na canção Sucrilhos, que faz parte do disco Nó na Orelha: “eu sou nota cinco e, sem provocar alarde, nota dez é Dina Di, DJ Primo e Sabotage”.

Dina Di cantava a vida da periferia. Ou melhor, a vida da mulher na periferia, das visitas ao marido no presídio, como na canção Mulher de Malandro, interpretada pelo grupo Visão de Rua, formado em 1994, que tinha Dina Di em sua formação, na qual diz:

*mulher de malandro se pá,  
tem uma sina sei lá,  
virou rotina, é foda:  
porta de cadeia, humilhação.  
vou dar a volta por cima,  
penso sair fora e sumir.  
Não, não é bem assim  
se o cara fez o que fez,  
foi pelo filho e por mim  
É sempre assim,  
a fome a falta de dinheiro miséria  
que leva um cara entrar em desespero,  
ai já era,  
por ele não há nada a fazer  
já vendi tudo o que eu tinha de valor pra vender  
(Mulher de Bandido, Visão de Rua)*

A música retrata a realidade das mulheres que têm cônjuges em presídios e têm que passar pelo processo de revista em todos os dias de visita. E também justifica o ato do marido, quando diz: “se o cara fez o que fez, foi pelo filho e por mim (...) a fome, a falta de dinheiro, miséria que leva um cara entrar em desespero”. Em depoimento ao curta-metragem Guerreiras do Rap, Di posiciona-se em relação a sua postura expressada em suas composições: “eu escolhi isso como uma maneira de eu sobreviver daquilo que eu gosto de fazer que é expor a realidade que eu vivo, falar sobre a minha realidade, sobre a realidade de várias mina (sic) aí, que eu vejo aí no dia a dia. É importante falar da mulher. Os homens já têm os homens para falar, a gente tem que falar de nós”.

Sua atitude diante do palco era masculinizada, as roupas eram largas para esconder as curvas de seu corpo. A luta por sobrevivência e reconhecimento avançou em comunhão com a luta contra o machismo, tanto em sua comunidade quanto no meio musical, e o empoderamento da mulher que ouvia suas canções e refletia, mesmo que por alguns minutos, sobre o assunto, ao escutar trechos como da canção Mulheres de Fato:

Primeiro cada mulher tem seu potencial  
segundo, cada qual sua capacidade  
armas que podem ser usadas como bem quiser,  
na hora exata, na luta, em defesa, sabe como que é  
(...)

1999, Visão de Rua, vai mandar de igual para igual  
para muitos otários que não acreditam  
na capacidade da mulher no rap nacional,  
nós está (sic) aí, boto (sic) bases,  
mulheres de fato provando o contrário  
(Mulher de Fato, Visão de Rua)

Nas composições analisadas encontramos valores de signos femininos, de realidades vividas apenas por mulheres, como o machismo, as lutas por igualdade de gênero, pelo direito à diversão sem restrições, assédio, até a realidade da mulher que é esposa de um presidiário. Situações que apenas mulheres compreendem de fato. Waldemir Rosa, doutor em antropologia social pelo Museu Nacional de Universidade Federal do Rio de Janeiro, elucida em sua dissertação de mestrado “Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro”:

Quando o Rap é protagonizado por mulheres, a matriz discursiva muda e ocorre uma reordenação dos valores e dos valores atribuídos às categorias de gênero. O discurso do enfrentamento deixa de ser um valor de masculinidade e vincula-se à posição da mulher. (ROSA, 2006: 48)

Há também o empoderamento através da luta, das quebras de ideais impostos socialmente e de senso comum. Descontruindo representações do sexo

feminino como frágil, passivo. “Ao negar o ideal de passividade feminina no Rap as mulheres inserem uma fala dissidente sobre a contribuição da mulher nas lutas de independência e pela liberdade.” (IDEM)

*Sou mulher, mas não sou tão frágil ou tão delicada*

*Meu microfone é a minha arma*

*Minha palavra é como uma espada*

*O rap não é privilégio do homem*

*Já vencemos esse desafio*

(Larga o Bicho, Nega Gizza)

Apesar de englobarem a mesma ideologia feminista, mulheres de pele negra e de pele branca não lutam pelos mesmos direitos.

Feministas brancas lutam para terem a segurança de saírem às ruas sem sofrerem assédio e contra a violência doméstica. Feministas negras, especialmente as periféricas, sabem que seu corpo está duplamente objetificado, especialmente por conta da imagem de "mulata exportação" que sempre foi construída atribuindo à mulher negra a imagem de fêmea sempre disposta a relações sexuais e sempre à disposição dos homens. (MOURA, 2014)

E na música não poderia ser diferente, a reivindicação apresentada na música da rapper de pele branca é diferente da perspectiva introduzida pela mulher negra.

No Rap feminino também ocorre a utilização de elementos que remetem ao colonialismo e ao escravismo para descrever a situação social atual, mas a perspectiva essencialista da nação, como um discurso masculino, é deslocada, abrindo espaço para um aprofundamento da crítica da objetificação do corpo negro decorrente do escravismo. (ROSA, 2006: 49)

## 2.2. Feminismo negro, racismo e identidade: um estudo sobre as canções de Yzalú, Karol Conká, Preta Rara

Há um encontro entre as composições das rappers e a luta feminista por direitos iguais, por igualdades salariais, igualdade de gênero, propriedade sobre o próprio corpo, contra estereótipos, entre tantos outros. Mas no rap das mulheres negras há ainda mais reivindicações, pois suas canções dialogam com causas do feminismo negro:

“O tema central do pensamento feminista negro é o legado da luta visto que todas as mulheres negras compartilham a comum experiência de comporem uma sociedade que as desprivilegia. Esta experiência sugere que certos temas característicos sejam proeminentes do ponto de vista destas mulheres. A autora aborda, ainda, a forma como os estereótipos vinculados à representação social são fontes inesgotáveis de violência contra as mulheres negras e também confinadores sociais”. (RIBEIRO, 2015)

Ao escutarmos Mulheres Negras, interpretada pela rapper Yzalú, é possível destacar com exatidão, os sentimentos, as angústias vividas pela mulher negra. A mulher negra, diferente da mulher branca, luta para que violências históricas e simbólicas, como a interseccionalidade sejam combatidas:

“Uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. (RIBEIRO apud CRENSHAW, 2002: 177)

Nesse aspecto, a canção transforma-se em bandeira musicada bandeira musicada, trazendo em sua letra muitas pautas e reivindicações política::

*Enquanto o couro do chicote cortava a carne,  
A dor metabolizada fortificava o caráter;  
A colônia produziu muito mais que cativos,  
Fez heroínas que pra não gerar escravos matavam os filhos;  
Não fomos vencidas pela anulação social,*

*Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial;  
O sistema pode até me transformar em empregada,  
Mas não pode me fazer raciocinar como criada;  
(Mulheres Negras, Carlos Eduardo Taddeo)*

Assim como o rap da mulher negra, o feminismo negro, segundo o dossiê: “Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil”, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em 2013, e citado no texto *Feminismo Negro: Violências Históricas e Simbólicas*, de Djalmla Ribeiro publicado no Portal Geledés:

“O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. Patrícia Hill Collins é uma das principais autoras do que é denominado de *feminist stand point* (ponto de vista feminista). Em sua análise, Collins (1990) lança mão do conceito de matriz de dominação para pensar a intersecção das desigualdades, na qual a mesma pessoa pode se encontrar em diferentes posições a depender de suas características. Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no encruzamento entre gênero, raça, classe, geração sem predominância de algum elemento sobre o outro”. (RIBEIRO, 2015)

Pensamento exemplificado pelo trecho da canção:

*Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo  
as negras lutam contra o machismo, o preconceito, o racismo  
(...)  
Podem pagar menos pelos mesmos serviços,  
atacar nossas religiões, acusar de feitiços,  
menosprezar a nossa contribuição na cultura brasileira,  
mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele preta  
(Mulheres Negras, Carlos Eduardo Taddeo)*

No trecho destacado, na primeira estrofe a interprete aponta as diferentes frentes do feminismo vistas a partir da ótica da mulher negra e da mulher branca. No segundo parágrafo, vemos reivindicação sobre igualdades salariais,



defesa das religiões afrodescendentes e orgulho das raízes e das histórias vivenciadas pelos ancestrais. Em entrevista à Revista R, vinculada no canal homônimo no YouTube, Yzalú ressalta a importância da canção: “quando você nasce mulher negra, você tem mais um percentual de não dar certo e aí vai de você mudar esse curso ou não (...) E eu vejo que ‘Mulheres Negras’ retrata exatamente esse empecilhos que envolvem a questão da mulher negra (...) A arte anda junto com o ativismo”. Segundo Stuart Hall, em A Identidade Cultural na Pós-modernidade, o feminismo:

Começou como um movimento dirigido à constatação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual (HALL, 1997: 70)

Uma segunda pauta a ser pensada em torno das composições de rap, que também perpassa pela obra de Yzalú, seria a luta contra o racismo. Expressa nas canções da rapper santista Preta Rara, tem destaque especial em Falsa Abolição, quando diz:

*Tô cansada do embranquecimento do Brasil  
Preconceito racismo como nunca se viu  
Meninas negras não brincam com bonecas pretas  
Foi a Barbie que carreguei até a minha adolescência*

*Porque não posso andar no estilo da minha raiz  
Sempre riam do meu cabelo e do meu nariz  
Na novela sou empregada  
Da globo sou escrava  
Não me dão oportunidade aqui pra nada  
(Falsa Abolição, Preta Rara)*

Na primeira estrofe, a música aborda a falta de referências africanas que as crianças têm quando, ao invés de brincar com bonecas que se assemelham a elas, brincam com a boneca Barbie, de padrão estadunidense, branca, rica, loira e magra. Uma frase que ajuda a explicar essa canção está na música

supracitada Mulheres Negras, em que diz: “Pelo processo branqueador, não sou a beleza padrão, mas na lei dos justos, sou a personificação da determinação”. Já na segunda estrofe, a reivindicação é pelo racismo sofrido por conta de traços físicos e pelo local em que o negro é inserido através da mídia. Em entrevista à Revista R, edição de agosto de 2015, Preta explica que viu na música um meio de resistência e reivindicação: “a sociedade é machista, a sociedade é racista e eu vi que a minha grande ferramenta está através das músicas e das poesias. Poder passar isso, que a mulher pode fazer o que quiser e o preto também”. E compreende que sua música tem papel empoderador por tratar de temas enfrentados no dia a dia por muitas e muitas mulheres: “você ser preta, você vai acabar passando pelo que muitas irmãs pretas também passam. Então, a mulherada vai acabar se identificando. Porque algumas coisas legais acontecem e outras nem tão legais que acontece comigo em Santos, acontece com você aqui em São Paulo”.

A terceira frente analisada nessa dissertação é a da valorização da autoestima, pregada pela rapper Karol Conká. Em entrevista ao documentário Minas do Rap, a artista explica: “Eu cresci ouvindo N de Naldinho, Expressão Ativa, Rappin Hood, Racionais, todos esses raps nacionais da velha escola e esses raps foram muito importantes pro meu rap de hoje. Por que eu falei ‘eles já falam desses problemas’, então eu posso chegar e falar de outras coisas que é trabalhar a autoestima das mulheres”. Suas composições abordam a independência da mulher em relação ao homem, a vaidade feminina. Em “Gandaia”, Karol descreve uma noite de festa com suas amigas:

*A noite tá perfeita eu saio "cas" amiga loca  
Joias, maquiagem, muito capricho na roupa  
Versatilizando no estilo com muito brilho  
Doses de tequila, aguça o instinto  
Queremos diversão, sei que todo mundo quer também  
(Gandaia, Karol Conká)*

E na canção Tombei, que faz parte do título dessa dissertação, Karol mostra seu lugar frente aos homens:

*Baguncei a divisão, esparramei*  
*Peguei sua opinião, um, dois, pisei*  
*Se der palpitação, não dá nada, conta até três*  
*Negrita de Lacaia Carla que samba no bass*  
*Se quiser conferir, vem cá, pra ver se aguenta*  
*Miro muito bem, enquanto você tenta*  
*Enquanto mamacita fala, vagabundo senta*  
*Mamacita fala, vagabundo senta*  
*(...)*  
*Já que é pra tombar*  
*Tombei*  
*Bang bang*  
*(Tombei, Karol Conká)*

Enfática, não se rebaixa a opinião dada por homens, tanto na canção quanto na vida real. Na primeira semana de outubro de 2015, uma entrevista com a banda teen Fly, vinculada na revista adolescente *Atrevida*, provocou polêmica, pois um dos membros, quando indagado sobre a beleza das tranças afro, afirma que: “é bonito. Para quem tem cabelo ruim é uma salvação”. Em resposta, Karol foi enfática compartilhando um vídeo na rede social Snapchat: “cala boca, senta, senão eu faço isso com as minhas próprias tranças”. Ao ser entrevistada pelo blog *Papel Pop*, vinculado dia 06/10/2015, a cantora explica: “As pessoas precisam aprender a respeitar as outras, a se posicionar. Um artista pode ajudar a educar um adolescente que passa por traumas e baixa autoestima. Nosso cabelo crespo é lindo! Ninguém diz como nós, mulheres, devemos nos comportar! Menina se comporta como ela quiser”!

### 2.3. MC Soffia, representatividade e empoderamento da criança negra

Aos 11 anos, MC Soffia retrata em suas composições temas como aceitação, resistência, influências, estereótipos, racismo, mulheres da história, tráfico. Soffia é resultado de uma série de lutas trilhadas ao longo da história. A luta negra, dos direitos civis, contra o racismo. A luta das mulheres, do feminismo, do poder sobre o próprio corpo, dos direitos iguais. A luta pela democracia, por liberdade de expressão. E das mulheres no hip hop, desde Dina Di, Negra Li a Karol Conká e Preta Rara. “O rap representa pra mim, música de força, música negra, música de resistência”, diz Soffia, aos nove anos, quando entrevistada no programa *Manos e Minas*, da TV Cultura.

Em entrevista ao canal do YouTube Empoderadas, Soffia relata casos de bullying e racismo na escola em que estudava. “Quando eu era de uma escolinha, bem pequena, uma amiga minha me falou: ‘eu sei por que você é negra. Porque quando você era bebê, você caiu num balde de tinta! Todo mundo me zuava.’” Quando o indivíduo sai de sua zona de conforto a luta começa e com a rapper não foi diferente: “teve um dia que eu cheguei pra minha mãe e falei: ‘mãe, quero ser branca!’ Porque as crianças me xingavam, falavam que meu cabelo era duro”. Sua mãe, então, percebe a necessidade de referências afro para a filha, a leva para eventos de hip hop e explica sobre aceitação. Sem referência, o “diferente” é errado. Num espaço onde só há brancos, o preto é errado. Hoje, Soffia criou suas próprias armas no combate ao racismo e quando é indagada sobre seu cabelo crespo, responde: “Meu cabelo não é duro. Meu cabelo é cacheado. Duro é o seu preconceito”!

A representatividade da MC Soffia perpassa as barreiras imagináveis, é recomeço, é resistência. É importante frisar que quando somos detentores do conhecimento, da informação, temos armas para mudar a realidade em que vivemos. Não só a nossa, mas também a das pessoas que nos rodeiam e têm contato com a nossa visão de mundo. Tópicos como preconceito com relação ao cabelo só serão um tabu enquanto não houver representação na mídia, enquanto não houver engajamento, em quem se espelhar e a formação da identidade negra não for bem estabelecida – Soffia vem cumprindo esse papel,

para as outras crianças, mas também para a mulher negra, para a moradora de periferia. “Eu estava numa escola e as meninas de cabelo black estavam com o cabelo presinho, enrolado. Quando eu comecei a cantar, elas soltaram o cabelo, tiraram a ‘xuxinha’, começaram a balançar o cabelo. A professora chorou de emoção, que eu estava influenciando as crianças. Elas soltaram o cabelo e começaram a se sentir livres.”

A criança se reconhece e através da música cria sua própria identidade, livre de estereótipos, mas também entende dos percalços que o negro da periferia passa, a juventude negra que é assassinada, os Amarildos, as Cláudias. Um exemplo disso é a canção “Crianças Pretas Pode Crê Pode Pah”: Menino do cabelo black, já sentiu o racismo, o tal moleque. Acordava e ia pra escola e sonhava em um dia jogar bola. Um dia, foi brincar com seus amigos e sentiu que vinha o perigo. O barulho estava bem pertinho e depois ninguém sabia do menino”.

### **3. CONCLUSÃO**

É interessante pensar nas relações que a canção traz. A sociedade priva o povo negro de seus direitos mais básicos, e as mulheres negras de direitos ainda mais básicos como: moradia, vestimenta, dinheiro, educação, amor, cultura.

Ainda assim, a mulher tem motivos para lutar por todos esses direitos, ainda que indague sua existência, pois ele possui, independente do que a sociedade o prive: seu cabelo black para armar, sua cor negra para se orgulhar, seus olhos pra enxergar as injustiças e boca que não se cala diante do racismo. Tem seus braços e mãos para trabalhar, suas pernas e pés que os levam a qualquer lugar, seus pulmões para encher o peito de ar e seguir em frente. Tem dores de cabeça e de dente, assim como qualquer um, como qualquer branco, como qualquer branco racista. E tem sangue negro correndo em suas veias. Tem a si mesmo e seu orgulho. Tem sua vida e, ainda que a tire, sua ideia sobreviverá através dos tempos.

Através da música, as rappers estudadas mostram a importância de abordar temas pertinentes como esse. Isso é empoderamento.

#### 4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes de. Rap e educação: rap é educação. São Paulo: Selo Negro, 1999.

BASU, Moni. Nina Simone and me: an artist and activist revisited. 2015. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2015/07/11/entertainment/nina-simone-revisited/>. Acesso em: 31/08/2015

BOZINO, Eduardo. Nina Simone: O blues da resistência negra. 2013. Disponível em: <http://www.afroreggae.org/blog/nina-simone-o-blues-da-resistencia-negra/>. Acesso em: 24/08/2015

BRAGA, Diego. O rap na tradição revolucionária. 2013. Disponível em: <http://blogconvergencia.org/?tag=feminismo&print=pdf-page>. Acesso em: 04/09/2015

CAMARGOS, Roberto. Rap e Política: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

Canal Empoderadas. #EP07 Empoderadas [MC Soffia]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yEk2-lolkaA>>. Acesso em: 29 out. 2015.

Canal Você é feminista e não sabe. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCeHsKGNUFp9kzPAg7Dvp5zQ>>. Acesso em: 29 out. 2015.

CASTILHO, Inês. A surpreendente ascensão do feminismo negro. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-surpreendente-ascensao-do-feminismo-negro/#gs.50f724af80c94bbf85b23d3b99e2b771>. Acesso em: 04/09/2015

CAVICCHIOLI, Giorgia. Mc Soffia fala a meninas do cabelo black e nariz achatado. Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/mc-soffia-fala-a-meninas-do-cabelo-black-e-nariz-achatado-assista-aos-videos-18082015>. Acesso em: 29/08/2015.

Com perfis de diferentes profissionais, websérie documental quer empoderar mulheres negras. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/com-perfis-de-diferentes-profissionais-webserie-documental-quer-empoderar-mulheres-negras/#gs.6255ec30f8c040dfeec2c6e5aa78040>. Acesso em: 04/09/2015

COUTINHO, Laura. Destaque do rap e hip hop nacional, Karol Conka fala sobre feminismo, moda e música. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/destaque-do-rap-e-hip-hop-nacional-karol-conka-fala-sobre-feminismo-moda-e-musica/#ixzz3knUMZXb5> . Acesso em: 04/09/2015

DANTAS, Itamar. Raquel Trindade: Cultura popular e resistência. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/raquel-trindade-cultura-popular-e-resistencia/#gs.03833b3e7b5b4f558fe889a1e929ab74>. Acesso em: 04/09/2015

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG. 2005.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude de Belo Horizonte. 409 f. Tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

DIAS, Cristina. Preta Rara: Luta e empoderamento. 2015. Disponível em: <http://www.bocadaforte.com.br/noticias/preta-rara-luta-e-empoderamento.html>. Acesso em: 28/08/2015

DIAS, Tiago. Aos 10 anos MC Soffia discute racismo na viradinha: canto para as crianças. 2015. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/21/aos-10-anos-mc-soffia-discute-racismo-na-viradinha-canto-para-criancas.htm/>. Acesso em: 29/08/2015.

EMPODERE DUAS MULHERES (Brasil). Feminismo Branco: Ouvir e aprender com as experiências de mulheres negras sem silenciá-las. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/feminismo-branco-ouvir-e-aprender-com-as-experiencias-de-mulheres-negras-sem-silencia-las/#ixzz3knT37znF>. Acesso em: 04/09/2015



ESTIVAL, Katianny. Karol Conká e sua música que canta as mulheres e o feminismo. 2013. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2013/12/karol-conka-e-sua-musica-que-canta-as-mulheres-e-o-feminismo/>. Acesso em: 22/08/2015

FELDSTEIN, Ruth. "I don't trust you anymore": Nina Simone, culture and black activism in 1960's. *Journal of American History*. 2005.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. Do rap ao samba: a música negra no Brasil. 277 f. Tese (doutorado em sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Louro, Guacira Lopes; Silva, Tomaz Tadeu da; Rio de Janeiro: DP&A. Ed. 1997.

HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

History of Rap Music. Disponível em: <http://www.plasticlittleraps.com/history-of-rap-music.html>. Acesso em 02 set. 2015.

MADRAKE. De salto alto: Mulheres conquistam a cena do hip hop. . Disponível em: <http://rapnacional.virgula.uol.com.br/de-salto-alto-mulheres-conquistam-a-cena-do-hip-hop/>. Acesso em: 04/09/2015

MC Soffia. MC Soffia – Manos e Minas TV Cultura. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Dh\\_wfIE354c](https://www.youtube.com/watch?v=Dh_wfIE354c). Acesso em: 29 out. 2015.

necessario/#gs.727be347f6864dca872cc9887e15a815. Acesso em: 04/09/2015

Nina Simone. Disponível em: <http://www.biography.com/people/nina-simone-9484532#synopsis>. Acesso em: 31/08/2015

Nina Simone. Disponível em: <http://www.biography.com/people/nina-simone-9484532#synopsis>. Acesso em: 31/08/2015

Rap feminista defende a legalização do aborto. 2013. Disponível em: <http://vermelho.org.br/noticia/203254-130>. Acesso em: 18/08/2015

Rap Pirata. MC Soffia – Crianças Pretas Pode Crer Pode Pah. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvdeosGp7v4>>. Acesso em: 29 out.2015.

RENATA. Coisa nossa - MC Soffia. 2013. Disponível em: <http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2013/10/coisa-nossa-mc-soffia.html>. Acesso em: 19/08/2015

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro: Violências históricas e simbólicas. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/feminismo-negro-violencias-historicas-e-simbolicas/#gs.35f565c8fea34f99a75c66fb6b501db9>. Acesso em: 04/09/2015

RODRIGUES, Maria Natália Matias. Jovens mulheres rappers: reflexões sobre gênero e geração no Movimento Hip Hop. 161 f. Tese (mestrado em psicologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

ROSA, Waldemir. Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro. 90 f. Tese (mestrado em antropologia). Universidade de Brasília, 2006.

SANTOS, Zaika dos. #Contextos: O rap não é uma linguagem isolada. . Disponível em: <http://www.bocadaforte.com.br/noticias/contextos-o-ra>

Simões, José Alberto. Entre percursos e discursos identitários: etnicidade, classe e gênero na cultura hip-hop. Universidade de Lisboa. Florianópolis, 2013.

TILLET, Salamishah. Nina Simone's time is now, again. 2015. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2015/06/21/movies/nina-simones-time-is-now-again.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2015/06/21/movies/nina-simones-time-is-now-again.html?_r=0). Acesso em: 31/08/2015

VIEIRA, Kauê. Nina Simone e a música como expressão dos direitos civis.. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/nina-simone-e-musica-como-expressao-dos-direitos-civis/>. Acesso em: 29/08/2015.